

VEIGA-NETO, Alfredo. Olhares... In: COSTA, Marisa V. *Caminhos Investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*. Porto Alegre: Mediação, 1996a. p.19-35.

_____. **A didática e as experiências de sala de aula: uma visão pós-estruturalista**. *Revista Educação & Realidade*, Porto Alegre, v.21, n.2, p.161-175, jul./dez. 1996b.

_____. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, Marisa V. *Estudos Culturais em Educação*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000. p.37-69.

WASELFISZ, J. J. – **Juventude, Violência e Cidadania: os jovens de Brasília**. Coordenação da UNESCO, SP:Cortez, 1998.

VIGOTSKY, L. **El Desarrollo de los procesos psíquicos superiores**. Barcelona: Grijalbo, 1979.

- CANDAU, V.M., LUCINDA, M.C. & NASCIMENTO, M.G. - **Escola e Violência** - RJ: DP&A, 1999.
- CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. São Paulo: Editora Gente, 2001.
- DE LA TAILLE, Y. - **Limites: três dimensões educacionais** - SP: Ática, 1998.
- DEMO, Pedro. "Extensão Universitária: Algumas idéias preliminares". In: *A Universidade e o Desenvolvimento Nacional*. Fortaleza: Ed. UFC, 1990.
- _____. *Pesquisa Participante: Mito e Realidade*. Rio de Janeiro: SENAC, 1984
- FÁVERO, Maria de Lourdes de A. **A Universidade brasileira em busca de sua identidade**. Petrópolis: Vozes, 1977.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 14a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- _____. *Extensão ou Comunicação*, 3a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- GUIMARÃES, A. M - **A escola e a ambiguidade da violência**. Série Idéias. SP: Fundação para o desenvolvimento da educação, v.12, p.51-66.
- MCLAREN, Peter. *Multiculturalismo crítico*. São Paulo: Cortez, 1999.
- NÓVOA, Antônio. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1993.
- MACHADO, N. "**Conhecimento como rede: a metáfora como paradigma e como processo**". São Paulo : Instituto de Estudos Avançados, USP, 1994.
- MORENO, Ciriaco Izquierdo. **Educar em valores**, (tradução Maria Luisa Garcia Prada). São Paulo: Paulinas, 2001. Coleção Ética e valores.
- RÊGO, T. C. R. **Educação, cultura e desenvolvimento: o que pensam os professores sobre as dificuldades individuais**. In.: AQUINO, J. G. (org.). *Diferenças e preconceito na escola*. São Paulo: Summus, 1998. p. 49-71.
- SANTOS, Leila Cristina dos. **A indisciplina e as variáveis que a determinam**. *Revista Psicopedagogia* 18(49), p.35-39, 2000
- SAYAD, Alexandre e PIVA, Marco . **Alta Tensão**. *Revista Educação*, p.34-45, 2000.
- SHON D. A. "**Formar professores como profissionais reflexivos**". In: Nóvoa, A. *Os professores e sua formação*, Lisboa : Publicações Don Quixote, 1992.
- SILVA M. **Sala de aula interativa**. Rio de Janeiro : Quartet Editora & Comunicação, 2000.
- SPOSITO, Marília Pontes. **A instituição escolar e a violência**. *Cadernos de Pesquisa* (104), p.58-75, 1998.
- VASCONCELLOS, Celso dos S. - **Disciplina: construção da disciplina consciente em sala de aula e na escola** - *Cadernos Pedagógicos do Libertad*, SP: Libertad, 2000.

REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICAS

A) FONTES ORAIS

- Claudiane Aparecida Machado Neto – entrevista realizada em 25/05/2009. Idade 29 anos. Nasceu e reside em Rubiataba – Go. Professora desde 1999.
- Fabiana Baldan Firmino Cesare – entrevista realizada em 26/05/2009. Idade 34 anos. Nasceu em Olímpia – SP e reside em Rubiataba – GO. Professora desde 1999.
- Lara Gomes de Lima – entrevista realizada dia 21/05/2009. Idade 39 anos. Nasceu e reside em Rubiataba – GO. Professora desde 1884.

B) BIBLIOGRAFIA

- EWALD, F. **Foucault, A Norma e o Direito**. Lisboa: Vega. 1993.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes 1988
- FOUCAULT, M. “A Governamentalidade”. In: MACHADO, R.(Org.). **Microfísica do Poder** (Org.) Rio Janeiro: Edições Graal, p.277-293.
- FOUCAULT, M. “O sujeito e o Poder”. In: DREYFUS, H.& RABINOW, P. **Uma trajetória Filosófica: Para Além do Estruturalismo, e da Hermenêutica**. Rio Janeiro: Forense Universitária,1995.
- FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. Ed. Loyola,1999.
- ALVES, Maria Helena M. **Estado e Oposição no Brasil: 1964/1984**. 3a. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- AQUINO, J. G (org) – **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas** – SP:Summus, 1996.
- _____ **Confrontos na sala de aula: uma leitura institucional da relação professor aluno** - SP: Summus, 1996.
- _____ **Do Cotidiano escolar** - SP: Summus, 2000.
- _____ **Diferenças e preconceito na escola** - SP: Summus, 1998.
- BENAVENTE, A. – **O debate sobre indisciplina na escola**. Revista da Associação de Sociologia e Antropologia da Educação. Porto: Edições Afrontamento, n.2, p.141-170.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A questão política da Educação Popular**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BRASIL. MEC/Departamento de Assuntos Universitários. **Plano de Trabalho de Extensão Universitária**. Brasília, 1975.

novos aspectos aos problemas sociais que são inevitáveis, mas que faça destes, caminhos para se chegar à plena cidadania.

nem as relações de poder estabelecidas na sociedade, enfim, as dimensões que compõem a cultura.

A partir das reflexões elaboradas ressalta pontos que servem de referência ao tema como a concepção de que buscar inovar é um processo que provoca rupturas, ainda que se produza por pequenos passos, o que exige uma referência clara do tipo de rompimento que produz. Em outras palavras, a significância de uma inovação não pode ser referenciada apenas aos seus objetivos e efeitos imediatos, visando apenas a mudanças periféricas e quantitativas, sem questioná-lo. Uma inovação não parte do zero. Uma inovação tem maiores possibilidades de ser compartilhada se não pretender mudanças bruscas, mas se for organizada em etapas, visto que passa por fases onde convivem representações diferenciadas e confrontos de pontos de vista. Como a inovação implica também formas diferentes de atuar, o processo de compreensão e aceitação vai se realizando passo a passo. Há que ensejar uma subjetividade que deseje a inovação. Por isso, é preciso garantir o conhecimento e compreensão clara, não apenas dos objetivos, mas dos fins que orientam a inovação. É a finalidade que sustenta a inovação para além do seu momento circunstancial, projetando-a para o futuro e para outras realidades. Uma inovação não pode desenvolver-se apenas no isolamento individual, ela deve ser estimulada no intercâmbio permanente, como fonte de contraste e enriquecimento social. É preciso considerar que várias subjetividades se envolvem com a inovação, o que exige estar aberto ao contraste de pontos de vista sobre o sentido e o valor da inovação. É parte do processo inovador como foco de agitação intelectual permanente e como ponto de partida para a busca de sentido identidade social.

Este enfoque se justifica pelo seu caráter interpretativo e dialógico. Sua importância se explica por serem portadores da riqueza diferenciada da multiplicidade de formas em que aparece a constituição subjetiva dos processos de formação da cidadania. Neste enfoque se valoriza o sujeito concreto, tanto em sua história, quanto em sua capacidade de reflexão e criação.

Neste caso é de se ressaltar o papel central da subjetividade, para a identificação de elementos singularizados dos processos sociais, que nunca apareceriam frente a instrumentos padronizados, próprios da investigação usada para se chegar à valorização humana. Para tanto, a motivação dos sujeitos passa a ser momentos essenciais para se chegar ao objetivo de defesa do cidadão. A este cabe participar, provocar, conversar, enfim, manter-se ativo num diálogo que introduz permanentemente

No caso das reformas, as mudanças localizam-se na estrutura do sistema educativo, em seu conjunto, sendo geralmente movidas por imperativos econômicos, como a busca de racionalização de gastos e eficiência operacional. Por essa razão, sua concepção não leva em conta os diferentes contextos escolares.

A dinâmica do processo de mudança na educação é garantida pelo fluxo equilíbrio/desequilíbrio/reequilíbrio; assim, a variação no quadro de professores e alunos pode influir nos outros elementos do sistema. Controlar significa, pois, aumentar o grau de inter-relação entre os elementos ou subsistemas que o compõem.

Outras mudanças, como sociais, enquadram-se no modelo de solução de determinadas situações problemáticas, que podem situar-se em todas as áreas sociais como no processo de novas formas de vida de cada cultura. As políticas sustentam o modelo não se despregam da visão sistêmica, segundo a qual não existem mudanças pontuais, uma vez que a inter-relação entre os elementos garante a melhoria do todo. Neste caso, a mudança é ancorada pelo conhecimento cultural que busca qualidade de vida.

No contexto escolar houve mudanças promissoras, entre elas, ressaltam-se as condições culturais e de funcionamento escolar necessárias para que a escola possa tornar-se um ambiente estratégico para as mudanças, qual seja, a organização do trabalho, relações profissionais; cultura e identidade coletiva; capacidade de projetar-se no futuro; liderança e modos do exercício de poder; a escola como ambiente educativo.

No âmbito geral fica a certeza de que a principal causa de fracassos ou sucessos no processo de inovação reside nas reações do povo que pensa ser os professores estes causadores. Muitas das vezes pessoas inabilitadas de outras áreas é que administram e aplicam cotidianamente as situações que enfrentamos, também as novas idéias e ideais. Isto explica a dificuldade de estabilizar as inovações, a partir do momento em que a mobilização e o apoio inicial se atenuem. Ainda que a inovação seja aceita por grupos mais ousados, sua transformação em projeto de grande escala fica subordinada à aceitação pela massa. Outras experiências mostram como os cidadãos podem absorver as reformas e redefini-las de maneira a adaptá-las às suas próprias prioridades conduzindo-as rumo à defesa dos direitos humanos. Embora essas atitudes sejam frequentemente referidas como resistências, percebe-se ainda que a atitude de recusa diante de algumas inovações pode refletir a percepção realista de possíveis riscos que acarretam, sem que as pessoas estejam prontos para assumi-los. Isto porque as propostas políticas muitas vezes não levam em conta as condições efetivas de trabalho,

REFLETINDO SOBRE O SIGNIFICADO DA CIDADANIA NUM CONTEXTO DE INOVAÇÃO

A decisão de delinear algumas pistas para compreender o significado da cidadania no contexto de inovação surge da própria concepção dos projetos internacionais, os quais se projetam no cenário educacional brasileiro como modelos inovadores, capazes de interferir no desempenho do social do cidadão através do sistema de ensino, impulsionando a qualidade da educação brasileira pela eficiência gerencial e autonomia escolar.

Partindo da linha interpretativa conduzida pela sociedade atual a inovação é concebida como um processo que provoca rupturas com o institucional, o que exige uma referência clara do tipo de rompimento que produz, principalmente com a política paternalista e de imposição. Significa uma forma diferente de concepção e organização do trabalho social e pedagógico, o que supõe também nova concepção de gestão institucional. Em outras palavras, os resultados de uma inovação não podem ser referenciados apenas aos objetivos e efeitos imediatos e formais, mas às finalidades e ao estabelecimento de alguns critérios que permitam distinguir entre as falsas e as verdadeiras inovações. É este valor que deve guiar a vontade reflexiva e deliberativa da inovação, porque outorga a capacidade de criação, pela superação do que estava dado, seja no campo epistemológico, organizacional ou moral.

Portanto, um processo de mudança não pode limitar-se a uma simples rearticulação do sistema e nem a introdução do novo no já instituído, a exemplo de alguns sistemas burocráticos que buscam a introdução a crítica do novo ao velho.

A literatura sobre inovação é plena de definições que a entendem como um conjunto de intervenções, decisões e processos com certo grau de intencionalidade e sistematização, buscando modificar atitudes, idéias, culturas, conteúdos, modelos e práticas pedagógicas. O que se pretende é conhecer como esse conceito vem sendo construído no âmbito de estudos e pesquisas que buscam compreender a inovação para além da lógica de modernização funcional da educação, ultrapassando o sistema na abrangência da formação humana no contexto de cidadania. Neste caso, as inovações visam atingir a

Escola como ferramenta para se chegar à plena cidadania, para isso visa projetos e programas voltados para a área social, buscando justiça.

primeiro lugar, o governo depende do conhecimento de verdades que encarnam aquilo que deve ser governado, que o tornam possível, calculável e praticável. Em segundo lugar, governar uma população exige conhecimento de um tipo diferente.

verdade, a proposta foucaultiana sugere uma espécie de inversão nas formas como tradicionalmente eram entendidas e analisadas as relações de poder social. Idéias se opõem, observa-se que ao Estado e ao poder de Estado opõem-se àquilo que Foucault chama centros de poder, que são outros tantos estados dentro do Estado, outros tantos poderes locais ou regionais. Uma fábrica, uma escola, um hospital, um presídio, enfim, qualquer instituição social faz parte dos "centros de poder", posto que constitui o conjunto dos micropoderes, através dos quais o poder circula e se difunde pela sociedade.

De forma mais específica, pode-se dizer que, Segurança, território e população, compõem a série tomada como objeto de análise para enfocar a problemática do governo em quando se trata de cidadania. Chamará a esse processo de "governamentalidade", designando com este termo, as práticas de governo que têm na população seu objeto, na economia seu principal saber e nos dispositivos de segurança seus mecanismos fundamentais, as relações de poder foram progressivamente governamentalizadas, ou seja, elaboradas, racionalizadas e centralizadas na forma ou sob a caução das instituições do Estado.

Nessa perspectiva pode se analisar três especificidades em relação à administração do eu contemporâneo. A subjetividade faz parte dos cálculos das forças políticas no que diz respeito ao estado da nação, às possibilidades e aos problemas enfrentados pelo país, às prioridades e às políticas. Uma segunda questão, diz respeito à centralidade que vem ocupando a administração da subjetividade como tarefa prioritária da organização moderna. E, um terceiro fator, levantado, pelo autor, diz respeito ao nascimento e proliferação de uma nova forma de expertise, uma da subjetividade. Tomar estas idéias, não como premissas, mas como sinalizadoras do necessário exercício de vigilância em relação às práticas que nos tomam como objeto de governo, justificam a análise que fazemos sobre a cidadania e sua relação com a condição de governo.

Como pode ser observado em Foucault, a arte de governo esteve ligada a um conjunto de análises e de saberes que se desenvolveram a partir do final do século XVI e que adquiriram toda a sua importância no século XVII: essencialmente o conhecimento do Estado, em seus diversos elementos, dimensões e nos fatores de sua força. Explicando o papel que as ciências têm exercido no processo de vinculação entre, de um lado, a vida subjetiva e intersubjetiva e, de outro, os sistemas de poder político, onde sublinha duas características marcantes para o entendimento desses processos: Em

EDUCAÇÃO PARA CIDADÃOS CONSCIENTES À LUZ DE FOUCAULT

A sociedade abarca todo seu alicerce na educação e esta propõe integração com a cidadania no sentido de valer dos segmentos e das inovações atuais. Pensar a relação tecnologia na escola e escola na tecnologia como uma produção das atuais políticas públicas para a educação, requer, inicialmente, que possamos problematizar a noção de Estado adotada neste contexto de direitos do cidadão. Neste sentido, é possível que uma das formas de explicar a noção de Estado adotada neste trabalho, possa acontecer mostrando o redimensionamento talhado por Foucault a esta categoria. Certamente, esta tarefa exigiria, no mínimo, uma visão panorâmica do Estado a partir dos estudos que, de uma forma ou de outra, acabaram por solidificar em nós a idéia com que trabalhamos este conceito. Entretanto, como não dispomos aqui, do tempo necessário a tal explanação, este exercício possa ser realizado a partir das relações que cada um possa estabelecer.

Uma das mais singulares invenções produzidas por Foucault, ao longo de sua obra, talvez esteja na noção de poder e suas implicações para o entendimento de Estado e de governo. Para dar uma idéia geral do conceito de Estado na perspectiva de Foucault, voltamos a uma passagem extraída de *Vigiar e Punir*, pois, ainda que extensa, é exemplar para ilustrar seu pensamento. Diz assim:

“Temos em suma que admitir que esse poder se exerce mais do que se possui, que não é privilegio adquirido ou conservado da classe dominante, mas o efeito de conjunto de suas posições estratégicas - efeito manifestado e às vezes reconduzido pela posição dos que são dominados. Esse poder por outro lado, não se aplica pura e simplesmente, como uma obrigação ou uma proibição, aos que não têm; ele os investe, passa por eles e através deles; apóia-se neles, do mesmo modo que eles, em sua luta contra esse poder, apóiam-se nos pontos em que ele os alcança. O que significa que essas relações aprofundam-se dentro da sociedade, que não se localizam nas relações do Estado com os cidadãos ou na fronteira das classes e que não se contentam em reproduzir ao nível dos indivíduos, dos corpos, dos gestos e dos comportamentos, a forma geral da lei ou do governo; que se há continuidade (realmente elas se articulam bem, nessa forma, de acordo com toda uma serie de complexas engrenagens), não há analogia”, nem homologia, mas especificidade de mecanismo e de modalidade” (Foucault, 1988, p.29).

Supomos que as palavras de Foucault contribuam para alertar que não se trata descartar o Estado das relações de poder que configuram nossas sociedades. Na

mais na sociedade. Essa forma de envolver a comunidade no projeto da escola possibilita outra compreensão da responsabilidade e do significado do trabalho no espaço público, pois o que se percebe é que a comunidade hoje tem uma concepção de credibilidade da escola, acredita que esta é capaz de implantar uma nova dinâmica de vida onde o cidadão é sujeito de sua própria existência.

A atitude do sujeito também reflete o seu exercício de cidadão, assim o profissionalismo é entendido pelos educadores como compromisso com o trabalho, cumprimento de horário das tarefas definidas no coletivo e da compreensão do papel social da escola. O profissionalismo é uma forma democrática do trabalho. Para se chegar à cidadania é necessário agir com democracia e muita justiça.

emissores, papéis estes alternativos, assumido por ambos, nesse complexo processo é que se busca a plena realização humana tendo em vista a consciência de cumprir com os deveres e usufruir do direitos cabíveis e defendidos em leis.

Defender e lutar pela cidadania, deveria ser o mesmo processo de defender e lutar pela vida. Partindo do conceito de que a educação é soberana em fomentar o saber entre os homens e que seu poder sobrepõe a qualquer outro no sentido de conduzi-los sob forma de orientações, torna-se correto afirmar que o principal saber que estrutura o ser humano é defender seus direitos em favor da plena cidadania.

Cabe ao homem, exercer a cidadania e apropriar-se dela como apoio para uma vida mais digna e de igualdade. Atualmente o compromisso com a ética e cidadania parece não ser prioridade entre as famílias, isso torna cada vez mais difícil construir ambiente de respeito ao outro e a si próprio. Esse é o motivo que leva a movimentação de vários grupos na busca de possíveis e prováveis soluções para banir com tal situação sendo que acreditam na transformação social a partir do exercício pleno da cidadania.

O contexto em pauta busca comprovar que a falta de informação sobre os direitos humanos tem acarretado certo comodismo com situação de desigualdade e com isso provocado situações excludentes na sociedade. Também de certa forma tenta esclarecer, que muitas vezes o Brasil está classificado em ótimas posições no que diz respeito a leis prescritas, porém falta muito no cumprimento das mesmas.

A educação centra por estar muito ligada com outras áreas sociais, esse é o motivo pelo qual a adotamos como ferramenta fundamental para atingir a plena construção da cidadania. Segundo os educadores que contribuíram com a entrevista, as escolas possuem um projeto pedagógico elaborado a partir de um projeto de discussão das necessidades e objetivos da escola de forma democrática. Esta parte da educação deve ser copiada pelo legislativo para que o país atinja realmente a democracia.

O trabalho mais participativo, que busca melhores condições de trabalho pedagógico, não elimina as dificuldades encontradas pelos educadores para gerir sua administração e à decisão de política mais ampla, como no caso dos recursos financeiros e demais direitos. Além disso, a estrutura organizacional da Secretaria de Educação e a máquina governamental burocratizadas não acompanham o ritmo e a dinâmica do trabalho, é daí que surge a preocupação com a cidadania. A comunidade tem um relacionamento diferente com a escola, na escola há um grupo que se une, discute e toma posições em conjunto, esse conjunto deve ultrapassar os muros e se unir cada vez

Outro fator relevante para considerar enquanto relação educação e cidadania é que neste mundo contemporâneo, da globalização econômica, da mundialização cultural, múltiplas identidades se fazem presentes na escola, tornando inviável ignorar diferentes realidades que compõem esse espaço, representadas pelos alunos que incorporam a sociedade atual. Impõe-se lidar com elas, de maneira formativa, tendo em vista a construção de personalidades democráticas, condizentes com um mundo livre, plural, mais justo e em intensa comunicação inter-cultural.

Nas sociedades tecnológicas em que os meios são cada vez mais as mídias eletrônicas, a diversificação do foco analítico de pesquisa vem obedecendo a um deslocamento que parece caminhar de indagação como “o que as máquinas e suas mensagens fazem com o homem?”, para a indagação: “o que o homem faz com a máquina e suas mensagens?”, pode ser que a resposta esteja na interação homem e meio em favor da vida da cidadania apesar das interferências culturais, que ocorrem na intertextualidade, ou seja, no entrecruzamento de diferentes contextos dentre os quais a própria leitura de realidade, ou meio ambiente, feita pelos agentes sociais se constitui em um deles, uma vez que os processos comunicacionais não ocorrem no vácuo e muito menos incidem sobre sujeitos vazios. A sociedade se ergue a partir das próprias ações e são responsáveis por adicionar valores, redefinir preceitos, avaliar, julgar, usando a tecnologia em seu favor, tudo isso pode estar voltado para exercício da cidadania.

Utilizar da comunicação escolar como uma metodologia de ensino, reforça a condição de que o próprio ensino superior reconhece as interferências sociais e culturais nos processos de comunicação escolar que em vista disso se realiza de forma processual, englobando em cada uma das etapas decisórias planejamentos, objetivos, conteúdos, procedimentos de ensino, avaliação, procedimentos que vão do planejar ao avaliar, viabilizadores de redirecionamentos que compreende a voz do professor e as vozes dos alunos, entrecruzando diferentes discursos, como o dos diferentes segmentos sociais de onde procedem professores e alunos, o das mídias que atravessa toda a sociedade de maneira transversal, atingindo a todos indistintamente, mas com distintos resultados, provenientes das diferentes mediações sociais, vividas em diferentes seguimentos sociais e por indivíduos que se diferenciam por suas peculiares histórias de vida.

A formação humana atravessou espaços geográficos e culturais numa velocidade paralela ao modo de vida de cada época, hoje se fala em cultura das mídias a cultura que decorre do que os receptores fazem com as mídias e de como reagem os

ensinados por diferentes modelos pedagógicos a aplicar técnicas para melhor ensinar, às quais, supostamente, isentavam-nos da responsabilidade ética e política do nosso fazer pedagógico. Talvez seja este modelo pedagógico o responsável por gerar a atual condição de indisciplina e violência. Sempre é tempo de corrigir o erro, nossos alunos pode ser o eixo central de nossos currículos para problematizar as questões de gênero, sexualidade, raça, etnia, nacionalidade, classe social, que atravessam e constroem as identidades dos sujeitos com os quais trabalhamos. Essa tem se constituído como uma forma de *política cultural* na escola, na qual acreditamos estar a solução, o eixo construtor da cidadania.

Os ideais e princípios da educação moderna repousam em certos fundamentos que têm sido colocados radicalmente em questão pela discussão pós-modernista e pós-estruturalista. Parafraseando Silva, a idéia de educação, que é parte essencial do senso comum moderno, está realmente montada nas narrativas do constante progresso social, da ciência e da razão, do sujeito racional e autônomo e do papel da própria educação como instrumento de realização desses ideais, daí advém a necessidade de tomar conhecimentos dos seus direitos para exercer a cidadania e assim posicionar como verdadeiro cidadão, consciente e autônomo nos seus atos.

Problematizando as dificuldades de aprendizagem a sociedade ainda rotula por apresentarem defasagens nas áreas da alfabetização a partir daí, é possível refletir e evidenciar a não valorização de outros conhecimentos pela escola, família seus direitos e deveres na sociedade. Neste sentido, temos como objetivo ressaltar que a contribuição da universidade se coloca nas orientações para que o sujeito seja realmente um cidadão de direitos e deveres na sociedade sem as ditas dificuldades que os fixam em posições que oprimem e excluem do processo real de cidadania.

Se não questionamos essas representações elas acabam naturalizadas, ou seja, os próprios marginalizados não sentem como ofensa. Daí a importância de problematizarmos essas e outras representações na escola, a fim de ampliar o conceito de realidade social para analisar essas narrativas, as quais produzem sujeitos em posições de não cidadão de fato, que não é essencial ou natural, mas tem um caráter real dizemos que essas identidades não são as únicas possíveis de serem faladas, e muito menos, são fixas, determinadas, acabadas, tudo faz parte de um processo permanente onde o cidadão necessita de orientações para não deixar que o outro o neutralize, mas que promove a cidadania na sociedade em que vive.

assim riscos de se realizar um trabalho de fora para dentro, de imposição, transformando-se a suposta ação educativa num ato de violência para com os comunitários. A educação constrói a cidadania quando ela tem objetivos sólidos rumo aos valores humanos.

O fenômeno educativo não está isento de implicações decorrentes das relações mantidas com o todo social que o produz. Este todo social, determina o que se materializa ou não no ato pedagógico.

Certamente os inúmeros trabalhos da universidade esbarram em muitos *CHUAVES* inerentes à sua vontade. Talvez a maior ausência tenha sido sempre a do diálogo. Um diálogo franco, aberto, realista, sem subserviência nem altivez, um diálogo que possibilite a organização e autonomia dos indivíduos das comunidades assistidas, um diálogo entre quem pode oferecer e quem tem o direito de reivindicar. Porque, em havendo esse diálogo, a população sabe sempre dizer suas necessidades e o tipo de ajuda que realmente deseja além de usar da força conjunta para reivindicar e fazer o seu direito.

São várias as iniciativas no seio da universidade, atualmente, que traduzem o momento de maior reflexão acerca dessa unicidade, implicando em difusão e produção do conhecimento, na relação entre educação e sociedade.

Nesse sentido a realidade social passa a ser entendida como participação, ou seja, ela é construída no discurso da relação educação e sociedade, é nesse contexto que se faz cidadania, se constrói o zelo pelo outro, pelo cidadão. A realidade assim, é o resultado de uma construção social e histórica, ela não existe antes da linguagem, ou melhor dizendo, fora dela obedecendo a cultura de cada povo. Toda forma de produção cultural é analisada pelos estudos culturais. No campo educacional, poderíamos pensar nas análises culturais que problematizam as relações entre cultura, conhecimento e poder como geradores de cidadania. Eles nos fornecem ferramentas teóricas para analisar nossas práticas pedagógicas como práticas culturais, entendendo a Pedagogia como *Pedagogia Cultural* em favor dos cidadãos desta cultura.

Tudo aquilo que pensamos e o que fazemos precisa ser contínua e permanentemente questionado, revisado e criticado, em se tratando dos direitos humanos, devemos criticar com propriedade as entidades que se posicionam omissas enquanto são capazes de promover a justiça em favor do povo. A educação partindo de uma posição aberta desafia-nos a levantar estes questionamentos, analisar, criticar nossas próprias práticas. Isso se configura mesmo em um grande desafio, pois fomos

A UNIVERSIDADE COMO PORTADORA DE COMPETÊNCIA NA FORMAÇÃO SOCIAL.

A instituição de ensino superior se tornou, um alvo fácil e sujeito às críticas sobre sua razão social devido seu caráter elitista que atendia diretamente uma clientela reduzida da sociedade, já que era difícil justificar uma universidade, instituída e mantida pelo conjunto da sociedade, são casos que justificam falhas na contribuição da educação para a formação da cidadania, sendo que o contexto é único, não se faz educação apenas no ensino fundamental e médio. O compromisso social da universidade pela extensão universitária, enquanto uma modalidade de prestação de serviços voltada para setores mais amplos da sociedade e que está cada vez mais atuando no sentido de orientações necessárias e urgentes como a questão da cidadania como forma de defesa à vida, este fato se comprova nas conclusões de cursos quando bem orientados estendem seus compromissos aos interesses da sociedade, como no presente trabalho aborda esta questão por implicar um compromisso fundamental da educação. Lidar com o conhecimento não pode restringir-se ao aspecto formal da produção científica, já que isto não garante educação, ética e cidadania.

Com a reforma universitária de 75 o MEC apontou, às universidades, novas tarefas, subordinando-as aos programas e projetos considerados estratégicos, pelo governo, na solução dos problemas sociais, no combate à pobreza, através da educação e do desenvolvimento de comunidades, na formação da consciência cívica dos universitários e das comunidades atendidas, na redistribuição dos benefícios econômicos, na preservação da cultura, na produção de tecnologia e outros. Tais trabalhos eram impregnados por uma ação assistencialista, de resultados imediatistas.

Atualmente as Universidades contribuem para a elaboração do saber, essa questão da elaboração do saber é fundamental, porque, em verdade, tudo aquilo que uma sociedade elabora e produz, é retirado dela mesma, caso amplamente explicado quando atribui à Universidade a formação do professor que conduzirá o aluno do ensino fundamental a uma aprendizagem significativa.

Assim, derivando o saber dessa relação dos homens com a natureza e dos homens entre si, é importante deixar claro que a formação dos direitos e deveres, imprescindivelmente devem ser cumpridos pois é uma ação educativa e que jamais deveria assumir um caráter assistencialista. Da mesma forma, as atividades educacionais devem respeitar os valores da comunidade local que trazem os seus valores, evitando

trabalho e de formação do professor, criando condições que favoreçam um ensino de qualidade associadas a amplos mecanismos de inclusão. Os professores manifestam que se espera da CONAE de 2010 uma atitude correta, que haja cidadania antes e durante a realização da mesma para que possam fazer valer as leis e que construam novas leis capazes de promover justiça na educação.

É necessário lembrar sempre que as acentuadas desigualdades sócio-econômicas e culturais, e os impactos dos confrontos acirrados entre diferentes grupos sociais, a nível internacional, tem refletido fortemente no desrespeito humano, prejudicando os caminhos que levam à plena realização banindo com os valores humanos, criando barreiras para a construção da cidadania e refletindo tudo isso no mundo inteiro, conforme a entrevista aos professores esclarece a situação na cidade de Rubiataba.

As crescentes manifestações de violência e indisciplina na instituição escolar e suas repercussões na prática pedagógica se constituem como fenômenos que ocorrem a nível mundial, não raro, comunicados de forma sensacionalista pelos meios de comunicação somam como grandes responsáveis para defasagem no exercício da cidadania. Apesar das inquietações que tais fenômenos causam no meio educacional e do grande interesse que despertam na mídia, eles ainda têm sido muito pouco estudados nas suas relações com a aprendizagem escolar, mesmo nos cursos de formação de professores, assim percebe-se que é uma relação muito íntima da educação num todo com a atual posição social do cidadão. A educação e o conhecimento, juntos, formam a base da competência transformadora do ser humano. Tornar-se cidadão deveria ser o mesmo processo de tornar-se profissional.

Quanto às estratégias que os professores disseram utilizar diante de tais ocorrências, incluíram-se os diálogos visando à reflexão e diversas medidas administrativas. Neste sentido, registra como exemplo, as respostas dos professores ao serem indagados sobre suas intervenções didáticas diante dos efeitos dos conflitos e da indisciplina na aprendizagem eles disseram ter conversado com eles (os alunos) da necessidade que eles têm de aprender para se afirmarem na vida terrena. Tentam as ações didáticas, mas ultimamente os conflitos interferem. Os professores conversam em reuniões de pais, no conselho de classe, de um modo geral com a turma.

Estes depoimentos mostram como uma das estratégias mais utilizadas freqüentemente pelos professores com os alunos e seus responsáveis são os diálogos contínuos. Vale ressaltar que tal estratégia foi também apontada pelos docentes como uma das que mais contribuem para a formação do aluno. Observou-se ainda que as situações de indisciplina e violência na escola atingem diretamente o professor enquanto agente social. Tal profissional tem se mostrado historicamente explorado, mantido sobre pressão econômica, e agora psicológica, dentro da escola e na sociedade em que vive, verdadeira falta de cidadania. Os fatos já relatados mostram o quanto a educação pública sobrevive quase que exclusivamente pelo esforço do professor. Muitos destes docentes são movidos, na maioria das vezes, pela sua energia pessoal, dando continuidade ao processo educacional, a despeito das precárias condições de trabalho e frágil formação profissional diante dos graves problemas vivenciados na escola oriundos de uma cultura ditadora, sem princípios, e desrespeitosa, onde os direitos figuravam exclusivamente no papel, não existia cidadania.

A proposta deste estudo é contribuir para a mudança deste quadro partindo de orientações a respeito dos direitos humanos e especificamente no contexto educacional para que os alunos que no presente apresentam problemas difíceis de resolver, possam ser no futuro profissionais realizados, conscientes dos seus direitos e deveres e que possam exercer a cidadania de forma a contribuir para o verdadeiro sentido da vida e da dignidade.

Ainda é natural dizer que as diversas manifestações de violência e indisciplina na escola pública exercem influências muito negativas sobre a prática pedagógica do ensino fundamental, elas geram um acúmulo de novos obstáculos e tensões para o professor e para o complexo processo de aquisição de conhecimento, o que coloca a necessidade de revisões na política educacional do nosso país. Frente a grande diversidade cultural dos alunos, torna-se urgente melhorar as condições de

a) Quais as principais marcas de indisciplina e violência praticadas na escola em que você trabalha?

*Falta de coleguismo entre os alunos, brigas constantes em sala de aula.

* Desrespeito aos professores, falta de interesse pela aprendizagem, brigas dentro e fora da sala de aula por causa de coisinhas insignificantes.

*As principais marcas são a depredação do ambiente escolar, carteiras estragadas, marcas de desrespeito com o outro e consigo próprio.

b) Que medidas são tomadas diante das marcas de indisciplina e violência?

*Quando em sala de aula sai do nosso controle, geralmente chamamos a coordenadora e esta chama os pais para uma tentativa através do diálogo, depois faz-se um registro e fica nisso, nem todos os pais ajudam na disciplina.

* Primeiro levamos ao conhecimento da autoridade escolar que orienta e aconselha, caso não seja resolvido, chamamos o conselho escolar, conselho tutelar e até a promotoria toma conhecimento do fato.

*Tomamos todas as medidas necessárias, principalmente uma boa conversa.

c) Com tanta violência nas escolas, quais são as pessoas mais atingidas?

*Todos somos atingidos, principalmente o professor que aparece como responsável por não ter olhado direito, etc.

*Há casos de agressão, mas no geral o professor acaba sendo o mais prejudicado.

* Todo o processo educativo é atingido pela violência, pois gera medo, insegurança que acabam prejudicando para sempre os alunos que presenciam os fatos.

Na análise das respostas docentes sobre as manifestações de indisciplina e de violência presentes no cotidiano escolar e suas influências sobre a prática de ensino, observou-se que eles identificaram alguns tipos de conflitos como mais frequentes, numa ordem decrescente como insultos verbais aos colegas e professor, incentivo à agressão e brigas até com espancamento. Relataram ainda alguns atos de indisciplina como os de maior ocorrência, também em ordem decrescente como descumprir o horário escolar e perder aula sem nenhuma preocupação, danos ao material didático, mobiliário e ambiente físico deixando carteira e paredes rabiscadas ou até quebradas com algumas manifestações de apropriação de objetos alheios.

como descumprir o horário escolar e não demonstrar interesse pela aula causar danos ao material didático, mobiliário e ambiente físico e até apropriação de objetos alheios. Quanto às estratégias que os professores disseram utilizar diante de tais ocorrências, incluíram-se os diálogos visando à reflexão e diversas medidas administrativas. Neste sentido, Rubiataba conta com parceria e apoio da promotoria de justiça, mesmo assim uma das estratégias mais utilizadas freqüentemente pelos professores com os alunos e seus responsáveis são os diálogos contínuos. Vale ressaltar que tal estratégia foi também apontada pelos professores como uma das que mais contribuem para a formação do aluno. Observou-se ainda que as situações de indisciplina e violência na escola atingem diretamente o professor enquanto agente social. Podemos também dizer que as diversas manifestações de violência e indisciplina na escola pública exercem influências muito negativas sobre a prática pedagógica do ensino fundamental, elas geram um acúmulo de novos obstáculos e tensões para o professor e para o complexo processo de aquisição de conhecimento, o que coloca a necessidade de revisões na política educacional. Face a grande diversidade cultural dos alunos, torna-se urgente melhorar as condições de trabalho e de formação do professor, criando condições que favoreçam um ensino de qualidade associadas a amplos mecanismos de integração social na prática da cidadania em todas as áreas do ensino aprendizagem. Esta afirmativa advém das perguntas e respostas realizadas e expostas neste documento para analisar, a partir da versão dos professores que se prontificaram a contribuir com a realização deste trabalho, as manifestações de indisciplina e de violência na escola, bem como suas influências sobre a prática de ensino. Para tanto, foram analisadas as respostas dos docentes a um questionário previamente elaborado com objetivo de identificar as concepções dos docentes sobre aprendizagem, indisciplina e violência, classificar as estratégias docentes utilizadas na prática de ensino face às situações de indisciplina e violência na escola, discutir as estratégias que os docentes relacionam com mudanças nas atitudes dos alunos, favoráveis à superação de formas específicas de indisciplina e violência nas escolas considerando que as desigualdades sócio-econômicas e culturais, e os impactos dos confrontos acirrados entre diferentes grupos sociais, a nível internacional, têm refletido negativamente neste início de século. Assim, as crescentes manifestações de violência e indisciplina na instituição escolar e suas repercussões na prática pedagógica se constituem como fenômenos que ocorrem a nível mundial, não raro comunicados de forma sensacionalista pelos meios de comunicação.

Observe algumas das perguntas direcionadas aos professores:

INDISCIPLINA E VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS, REFLEXOS DAS POLÍTICAS EDUCACIONAIS E SOCIAIS.

Na sociedade atual, o cidadão para usufruir de seus direitos, é necessário que tenha condições de exercer a sua cidadania. Esse exercício está relacionado ao nível de conhecimento e de conscientização que o cidadão tem dos direitos e deveres, dos mecanismos para efetivá-los e do nível de organização que a sociedade possa ter para fazer valer os direitos. Essa é uma ação que tem início no plano individual, mas exige uma articulação coletiva.

No início deste século, a grande questão que se evidencia não é mais fundamentar os direitos humanos, e sim garanti-los.

O problema que temos diante de nós não é filosófico, mas jurídico e, num sentido mais amplo, político. Não se trata de saber quais e quantos são esses direitos, qual é a sua natureza e o seu fundamento, se são direitos naturais ou históricos, absolutos ou relativos, mas sim qual é o modo mais seguro para garanti-los, para impedir que, apesar de solenes declarações, eles sejam continuamente violados. Norberto Bobbio (1992, p.25).

Considerando que a garantia dos direitos humanos é problema político e depende do compromisso que os gestores de políticas públicas tem em assegurá-los e do poder da população em reivindicá-los, acreditamos que a escola entre outras instâncias da sociedade têm um papel fundamental a desempenhar. A escola está privilegiada enquanto trabalha com conteúdos, valores, crenças, atitudes e possibilita o acesso ao conhecimento sistematizado, historicamente produzido que conduz o aluno à crítica, ultrapassando o senso comum.

Aos que pretendem contribuir para a formação de cidadãos conscientes, possibilitando-lhes o exercício da cidadania ativa, o grande desafio é o de romper com a cultura escravocrata, clientelista e patrimonialista que embasa a formação do povo brasileiro.

Na análise colocada por alguns professores com os quais conversamos, enquanto realizamos uma pesquisa de campo, pelo menos em Rubiataba, o que parece é que as manifestações de indisciplina e de violência presentes no cotidiano escolar e suas influências sobre a prática de ensino identificam conflitos freqüentes, numa ordem decrescente como insultos verbais aos colegas e professores, incentivo à agressão e brigas com espancamento, além de atos de indisciplina como os de maior ocorrência

É mister que a educação e o conhecimento, juntos, formam a base da competência transformadora do ser humano e tornar-se cidadão deveria ser o mesmo processo de tornar-se profissional.

A educação da qual falamos estende à Universidade, educação como um todo em função de formar seres críticos, foi por isso que paramos nos principais pontos que a educação vive, pois é consequência deles o fruto que ela produz. O compromisso da Universidade para com a comunidade é muito importante, é necessário que os universitários tenham estas informações para que saibam reivindicar seus direitos assim como exercer seus deveres além de fomentá-los em função de que todo ser humano exerça a cidadania e aproprie-se dela como direcionamento para uma vida mais digna e de igualdade.

O compromisso com a ética e cidadania não tem se apresentado mais tão importante entre as famílias, isso tem dificultado um ambiente de respeito ao outro e a si mesmo, mas ainda é tempo de lutar por esta causa e acreditar na transformação social, acreditando numa educação de qualidade.

INTRODUÇÃO

Estabelecer a relação entre educação e cidadania é falar de um tema só, pois o que se dispõe é tratar os problemas mais freqüentes na educação para se chegar à plena cidadania onde os indivíduos estejam conscientes dos seus direitos e deveres.

Embora a educação seja aqui considerada um instrumento de formação da cidadania, é certo que a escola sozinha não consegue formar o cidadão, temos todo um sistema envolvido e se faz necessário que o cidadão tenha propósito de não se acomodar e sim buscar fazer valer seus direitos exercendo seus deveres dentro da sociedade.

A responsabilidade da educação como ferramenta para formação da cidadania resgata desde as teorias que regem o ensino até a análise crítica do período atual. Só se pode conceber a verdadeira cidadania como uma educação em valores e em atitudes, ocupando determinado espaço e tempo na vida escolar, mas principalmente integrando e permeando todas as áreas e todos os processos de aprendizagem. Só assim a educação pode ser consolidada como uma atividade intrinsecamente moral, voltada para a promoção de julgamentos críticos, atitudes e formas de comportamento de caráter moral, envolvendo, portanto, conceitos, procedimentos e atitudes.

Aqui se propõe uma observação mais profunda em relação ao desenvolvimento escolar, pois este possibilita concretizar realidades de especial relevância para a vida das pessoas, e para a positiva e harmoniosa construção da sociedade contemporânea, podendo ainda ser uma resposta ao desafio que a sociedade atual nos impõe, considerando desde a formação do professor à qualidade da sua prática escolar. Na educação, a cidadania fortalece o ambiente aprofunda, e concretiza as relações de bem estar como também é um processo eficaz de bons relacionamentos, ela tem relação com uma base ética social e pessoal, é uma autêntica educação ética em valores. Com isso não houve um propósito de conceituar cidadania, mas evidenciar o exercício da cidadania como uma atitude de humanização que fundamenta e dimensiona o trabalho educativo, uma vez que exercer a cidadania exige um método novo, capaz de formar consciências ensina a pensar com rigor, para descobrir as diferentes possibilidades criativas de efetivar um projeto de vida, de engrandecer a própria existência usufruindo dos direitos e exercendo os deveres com respeito. Ser cidadão de fato é corresponder a todas as possibilidades que a realidade oferece. Esta é a consciência que estrutura a vida é o ideal humano.

SUMÁRIO

1-Introdução.....	1
2- indisciplina e Violência nas escolas, Reflexos das Políticas Educacionais e Sociais.	3
3- A Universidade como portadora de competência na formação social.....	8
4- Educação para cidadãos conscientes à luz de Foucault.....	14
5- Refletindo sobre o significado da cidadania num contexto de inovação.....	17
6- Referencias Bibliográficas.....	21

EPÍGRAFE

“A educação propõe projetos sociais que promove a construção de uma aliança entre o conhecimento científico e a prática social, transformando o indivíduo em um ser consciente dos seus deveres como cidadãos”.

Regina Andrade

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus pelo dom da vida, por ter iluminado nossos caminhos durante o curso de Licenciatura plena em História.

Agradecemos aos nossos pais, pelos seus brilhantes ensinamentos que nos permitiram sermos pessoas do bem.

Aos nossos filhos que suportaram a nossa ausência nesses anos.

Aos nossos esposos que nos acompanharam com bastante compreensão e paciência.

A todos os professores que contribuíram direta ou indiretamente pelo nosso desenvolvimento intelectual.

Aos nossos irmãos pelo carinho que sempre nos dedicaram.

A nossa professora Helena de Fátima Araújo que vem realizando um ótimo trabalho, nos orientando na construção deste artigo.

Aos nossos amigos verdadeiros e presentes que nos entenderam e compreenderam nessa jornada árdua, mas bastante significativa.

Enfim, agradecemos a todos os vizinhos, familiares, que de alguma maneira colaboraram para a realização desse trabalho.

LILIAN TANIA MACHADO
LUCIANA GOMES DE LIMA



EDUCAÇÃO COMO FERRAMENTA PARA SE CHEGAR À
CIDADANIA.

Trabalho apresentado ao curso de
História da Faculdade de Ciências e
Educação de Rubiataba como requisito
parcial para obtenção do grau de
Licenciado em História.

Orientadora, professora Esp. Helena de
Fátima Araújo.

Rubiataba, 2009.

36042

Tombo nº	14093
Classif.	
Ex.	01
Origem:	d
Data:	29/07/2009

FA CULDADE DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO DE RUBIATABA
CURSO DE HISTÓRIA

**EDUCAÇÃO COMO FERRAMENTA PARA SE CHEGAR À
CIDADANIA.**

Lilian Tania Machado
Luciana Gomes de Lima
Orientadora: Professora Esp. Helena de
Fátima Araújo.

Rubiataba, 2009.